

## APESAR DE VOCÊ...

(Uma leitura de *Minha vida de menina*,  
de Helena Morley)

MARIA JOSÉ MOTTA VIANA \*

### RESUMO

Este trabalho pretende mostrar em que medida o diário de Helena Morley extrapola as características comuns de um diário íntimo e, principalmente, a escritura sob a "lei do pai" — a lei imposta para *velar* e que termina por provocar efeito inverso.

«... venho aqui contar a história do tempo antigo,  
para o futuro, como diz meu pai».

HELENA MORLEY

---

\* Mestranda em Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG. Trabalho inicialmente apresentado no curso «A Narrativa Brasileira», ministrado pelo Prof. Dr. Wander Melo Miranda, no 2º semestre de 1987, no Mestrado da FALE-UFMG.

**M***inha Vida de Menina* caracteriza-se como um “diário íntimo, mas apresenta certas peculiaridades que o afastam bastante do gênero, conferindo muita originalidade à obra de Helena Morley. Como característica do gênero temos a presença do calendário, com o registro de fatos de três anos, entre 1893 e 1895, em Diamantina, com a menina entre seus 13 e 15 anos; uma fortíssima presença da realidade cotidiana e uma, pelo menos aparente, despreensão ao escrever.

No entanto, as memórias de Helena constroem algo mais. Se no diário íntimo tradicional não há muito lugar para a retrospectção e o distanciamento, *Minha Vida de Menina* quebra essa limitação, pois, mesmo os fatos cotidianos são repensados importando em um notável discernimento entre o vivido e seu registro pela escrita. Nota-se, também, a presença marcante da retrospectção especialmente no retorno que a diarista faz à sua meninice, o que lhe propicia a oportunidade de se distanciar, refletir, analisar.

E mais: o livro constitui-se em um painel riquíssimo da realidade social da época, pois Helena, incrivelmente em seus treze anos, vê, revê, veste e desveste os fatos cotidianos e passados. E esse painel tanto mais se reveste de importância quando se percebe que esse diário é um registro fundamentalmente feminino. É um olhar de mulher vasculhando o universo feminino. São incontáveis as mulheres do livro, com seus casos, suas dores, sua submissão ao homem, sua limitação social, tudo passando pelo crivo agudo e sensibílissimo da diarista. Caso inédito em nossa literatura, causando espanto e admiração, não só pela pouca idade da escritora,

mas principalmente por sua condição de mulher e mulher de um meio provinciano, em plena decadência econômica e social.

No prefácio do livro, a autora apresenta as razões que levaram a menina a escrever, razões também explicitadas e acrescidas de outras durante a escritura da obra. O registro diário de Helena seria, em primeiro lugar, um hábito adquirido e aconselhado pelo pai. Seria também produto da circunstância, nascido da obrigação de cumprir as exigências do professor de Português. Na medida em que se constrói o diário, ficamos cientes de seu caráter confessional: ele é o espaço receptor — liberal e sem cobranças — de seus segredos e desejos inconfessados, o refúgio para a dureza do cotidiano e de sua condição de marginal àquela sociedade acanhada e medíocre. “Vou desabafar aqui o desapontamento e a raiva” (p. 146); “Escrevo tudo nesse caderno que é o meu confidente e amigo único” (p. 162); “não tenho vergonha porque é só o papel que vai saber” (p. 56).

Assim, a presença forte da cartase faz do diário o desabafo dos medos, decepções, raivas, frustrações e mesmo alegrias da menina Helena. Ele é o bode expiatório, o saco de pancadas. Observe-se a passagem onde a menina conta que, depois de sofrer uma humilhação na casa da família que visitara, ela não aceita o jantar, com a pressa de chegar em casa para “aproveitar a raiva e escrever aqui umas coisas que eu tinha vontade, mas não tinha coragem, pensando ser falsidade. Mas hoje vai tudo”. (p. 240). No fim do capítulo pára de escrever e exclama: “Deixo o resto para outro dia de raiva” (p. 241).

Outra razão que justifica o ato de escrever em *Minha Vida de Menina* é a necessidade de “matar o tempo”, preenchê-lo. No caso, o diário assume aspecto de despreensão e naturalidade, quase instinto. A informação de que a diarista não sabe escrever, não escreve “bonito”, é distraída, sem paciência e -de que escreve só “bobagens”, “sem pensar muito”, permeia todo o livro.

As razões explicitadas, no entanto, não esgotam a exploração deste veio riquíssimo da obra e que é também uma preocupação constante da escritora: justificar sua escritura. Tanto que há inúmeros registros de metalinguagem, o que reforça o caráter elaborado da obra e faz com que se possa concluir que a possível despreensão da escritura é um jogo que a menina faz — no mínimo — com ela própria. Entre tantas passagens metalingüísticas, destaca-se a referência à admiração da avó por ela “contar com a

pena”, não se admirando, no entanto, quando a menina “conta com a boca” (p. 86), e, ao expressar uma frase herética do santeiro construindo um santo, a menina tem consciência de que a frase escandalizaria a avó, mas a registra assim mesmo, afirmando: “Que hei de fazer, se ele falou assim?” (p. 87).

Logo, embora esteja dentro da especificidade do diário íntimo o pacto com o vivido, e *Minha Vida de Menina* o ratifica desde a capa, as datas, as introduções e as notas, a preocupação com a escritura e sua linguagem caminha lado a lado com a documentação cotidiana dos fatos. Há fluidez de linguagem, desorganização na apresentação do dilúvio de pessoas e lugares, há espontaneidade, mas há também, e de maneira marcante, a reflexão sobre o vivido, o registrado e a forma desse registro. *Minha Vida de Menina* mostra, portanto, a possibilidade de uma outra leitura. A começar pelas justificativas da escritura, que estão implícitas, diluídas no tecido da escrita, ou nas esferas do interdito, do não-dito. Nesse ponto, o diário de Helena trai essa condição de mero registro cotidiano para se transfigurar em ficção introspectiva, em que a introjeção da realidade e, principalmente, a forma de expressá-la assumem o valor maior.

Como confessa no prefácio e em várias passagens do livro, Helena começou a escrever atendendo a um conselho do pai e com o tempo “viciou” a registrar tudo em seu diário. Esse ponto é capital para a compreensão mais aprofundada da questão.

Assim, a figura do pai — típico inglês, racional, metódico, quase ateu — paira acima de todas as outras personagens. Ele é o modelo e, ao registrar seus conceitos de religião, de bem e de mal, certo e errado, a menina demonstra uma racionalidade e uma coerência espantosas, que contrastam com a ingenuidade de outras intervenções. Observa-se também que este pai nunca censura ou castra: aconselha, age, analisa. Entretanto, quando encoraja a filha a escrever, acrescenta que isto seria melhor do que “contar às amigas” sua “vida” e seus “segredos” (p. 161). O diário irá tomar o lugar da vida, da convivência, da troca da experiência. Estabelece-se, então, a sutil manipulação do pai com relação ao comportamento da filha que se coloca sempre como rebelde, vadia, respondona, além de inteligente, livre, independente, qualidades perigosíssimas para uma mulher daquela época. Que o comportamento da menina fugia aos padrões da sociedade, está claro em todo o livro. As primas e amigas chegam a chamá-la de “facão”

(termo usado, na época, para rotular as moças solteironas), afirmando que seu comportamento afastaria os pretendentes (cf. p. 145).

O processo escritural, então, revela um “destecer para tecer” o *eu* da escritora. Na medida em que mergulha em seu registro diário, cristaliza-se e se solidifica uma série de características de sua personalidade: a agudeza de observação, uma certa superioridade até narcisista com relação às amigas e primas, o aumento da capacidade de suportar e superar, pela auto-análise, a dureza da vida pobre. Entretanto, ocorre também o reverso do processo: anula-se na adolescente o potencial de rebeldia e contestação revelado em todo o livro — potencial que, aliado ao talento e ao estilo, poderia perfeitamente propiciar-lhe uma brilhante e revolucionária carreira literária. No entanto, sabemos que isto não ocorreu e nem o fato da autora ter-se casado com um escritor contribuiu para lhe despertar novamente o hábito de escrever.

A filha escreve sob a “lei do pai”, submissa a ela, caindo em sua armadilha controladora. O pai é, durante todo o livro, a grande ausência presente, o mais presente no registro de Helena, ao passo que a mãe é sempre ausente, pintada como uma mulher anulada, enquanto mãe, vivendo sempre atrás do marido. Não frequenta a sociedade, a não ser a familiar, só sabe trabalhar e é, por isso, totalmente alheia às necessidades das filhas: “Mas este sistema dela de não sair de casa a não ser para a Chácara de vovó me traz muito prejuízo e aborrecimento” (p. 162).

Para compensar, a avó é mais mãe do que a verdadeira: “desde pequenina me fazia uns agrados que mamãe nunca fez e prestava atenção a tudo que eu falava. Ela me diferenciava tanto das outras que, sem sentir, fica me parecendo que ela é a mãe e mamãe a avó” (p. 63). É a avó a confidente, a protetora, revelando grande sensibilidade para atender a neta, concedendo-lhe exclusividade em seus afetos. Tia Madge, outra influência forte na vida de Helena, ao contrário, é a rígida, a que disciplina, coloca nos eixos, dirige comportamentos. Um lado que faltava à mãe, sem autoridade, sem voz (prevalecem sempre os critérios do pai), sem energia. Assim, Helena possui ou necessita de três mães, enquanto o pai é o único, sem substitutos, figura plena a preencher as carências da menina.

Enclausurada nesse universo pequeno, nessas quatro paredes construídas pela alienação da mãe, a presença-ausência do pai, a proteção castradora da tia e o refúgio seguro da avó, pouco resta

à menina a não ser mergulhar no hábito, vício da escritura. Aqui ela poderá tudo realizar: é rica, inteligente, bonita, sedutora, feminina, livre, respondona, moleque, independente. Pode sonhar ou repassar o cotidiano, pode criticar, xingar, rir, tripudiar — fazer o diabo... E até enfrentar cara a cara a miséria, a feiúra, seus medos, suas frustrações. No universo do papel. Que curiosamente ela só mostra à avó e ao pai.

O refúgio na escritura parece ter o mesmo valor do refúgio na natureza, quando a menina sai de Diamantina, do círculo social de uma cidade antes opulenta e que agora teimava em ostentar ainda a aparência de riqueza. Em Boa Vista, Biribiri e mesmo debaixo da ponte do Rio Grande, a menina que sempre quisera ser homem se comportava com a liberdade de um moleque.

Na escritura, revela-se a mulher letrada e estudada — “Vou fazer 14 anos e já raciocino mais do que todos da família”. (p. 136), sem voz na sociedade e na vida familiar — “a pessoa delas não vale nada” (p. 177). Portanto, paradoxalmente, apesar e por causa da “lei do pai”, a menina-mulher, com seu poder de escrita, revela, desvela e denuncia o exíguo espaço histórico da mulher submetida ao homem, calada por ele e pela sociedade que ele dirige. É a menina que escreve tão bem e tira notas péssimas em português e se revela incapaz para copiar os “ornamentos da memória”; que ostenta sua inteligência na escrita, mas é taxada de burra na Escola e prefere vadiar, mesmo que a razão disto fique incompreensível para ela em nível consciente; que se dizia “forçada a vadiar” pelas colegas e pela omissão da mãe; que é espontânea e tira as botas na frente de um rapaz, fato que o fascina, quando deveria escandalizá-lo, se medido pelos padrões sociais então vigentes.

Assim, conclui-se que a escritura que era para restar sem destinatário dentro da “lei do pai” acaba realizando o oposto, em que o próprio ato, a própria operação da escrita desabrocha na interação escritura/leitura. Não importa o tempo que se passou para que a obra atingisse o receptor. O fato é que isto acontece e acaba desnudando o que era para ficar — se integralmente vitoriosa a ordem do pai — para sempre perdido na memória de Helena Morley.

## BIBLIÓGRAFIA

- FOUCAULT, Michel. L'écriture de soi. *Corps écrit*, Paris, 5:8-15, fév, 1983.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 14<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1977.
- ROUSSET, Jean. Le journal intime, text sans destinataire? *Poétique*, Paris, 56:435-443, nov. 1983.